

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e
PRÉ-ALAS BRASIL

04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI

GT 10: Relações de gênero e entre as gerações

**“Avó é feminino e avô é masculino”:
relações de gênero e entre gerações na perspectiva das crianças**

Anne Carolina Ramos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

annecarolina.ramos@gmail.com

**“Avó é feminino e avô é masculino”:
relações de gênero e entre gerações na perspectiva das crianças**

Anne Carolina Ramos

Nas relações entre avós e netos, o gênero aparece como uma variável importante, que dá diferentes contornos ao convívio intergeracional. Ele se manifesta nas relações entre os avôs e as avós e os seus netos; nas relações entre os netos e as netas e os seus avós e nas diferenças entre as linhagens maternas e paternas (SPITZE & WARD, 1998). Pesquisas têm buscado compreender essas interfaces, mas pouca atenção tem sido dada às crianças, quase sempre alijadas dos inquéritos investigativos. O presente artigo busca subverter essa invisibilidade da infância nos estudos intergeracionais, focalizando sua atenção no modo como as relações de gênero operam nas relações entre as gerações a partir da perspectiva dos netos crianças. Para tanto, parte do relato de 36 meninos e meninas, com idades entre oito e dez anos, oriundos de famílias nucleares, monoparentais, reconstituídas e conviventes e pertencentes à classe média da cidade de Porto Alegre, na região Sul do Brasil.¹

Por meio de entrevistas em trios, as crianças foram convidadas a falar sobre algumas das diferentes interfaces que constituem a relação delas com seus avós, abordando aspectos relacionados às diferenças e às semelhanças existentes entre seus avôs e suas avós; ao modo como as linhagens paternas e maternas estabelecem o contato intergeracional e como as questões de gênero influenciam a própria eleição de suas preferências. Todavia, ao contarem sobre suas experiências e sobre os diferentes ângulos que compõem essa relação, as crianças não se utilizaram apenas da oralidade. Elas também fizeram uso da linguagem escrita e plástica, o que captura o verdadeiro sentido de “dar voz às crianças” nas pesquisas. Seus desenhos são entendidos aqui como uma linguagem visual, por meio da qual elas expressam e significam modos de

¹ Este artigo traz dados oriundos de minha tese de doutorado, intitulada “Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças” (Ramos, 2011). A pesquisa contou com a participação de 20 meninas e 16 meninos, sendo nove de cada grupo familiar. Os nomes das crianças são fictícios e foram escolhidos por elas durante os momentos de entrevista.

interpretar o mundo que as cerca. Incluir as crianças nas pesquisas não significa apenas escutá-las enquanto expressão advinda meramente da fala, mas trabalhar com as diferentes linguagens que elas possuem. Os relatos das crianças são testemunhos de suas próprias biografias, e é axiomático, como nos lembra Scott, “[...] que apenas entrevistando crianças diretamente possamos compreender os seus mundos sociais” (2008, p.103).

I. Sobre avôs e avós

Para as crianças, entre os avôs e as avós existem diferenças que são dadas ainda pelo próprio sexo – “Avó é feminino e avô é masculino” (Fernanda, 9 anos); “um é menino e outro é menina” (Amanda, 8 anos); “um é homem e outro é mulher” (Lucas, 9 anos); “um é senhor e outro é senhora” (Amanda, 9 anos); “um é macho e outro é fêmea” (João, 9 anos) – e que também se fazem visíveis nas características físicas de seus corpos: “O avô é mais alto porque o homem é quase sempre mais alto que a mulher” (Daniele, 8 anos); “o vô é careca e a vó não” (André, 8 anos); “a voz dele é mais grossa” (Érica, 8 anos) e “a vó se maquia e o vô faz a barba” (Adriana, 8 anos). Por isso, é preciso ter duas palavras para distinguir um do outro: “A palavra vó tem um risquinho em cima do o e a palavra vô tem um chapeuzinho. Aí muda a voz. Tem diferença sim!”, alerta José (8 anos).

Mas as diferenças não estão apenas nos traços físicos ou na palavra. Como nos diz Fernanda (9 anos), “eles também têm costumes muuuuuuuito diferentes”, visíveis não apenas no estilo de interagir com seus netos, como, também, nos próprios papéis de gênero que ambos assumem enquanto homens e mulheres. Quando Lucas (9 anos) nos diz que “o vô faz coisas de homem e a vó faz coisas de mulher”, ele está justamente pontuando esse aspecto. Mas o que significa fazer coisas de homem e coisas de mulher? Em que aspectos avôs e avós se diferem? E em quais eles se aproximam? Como os netos percebem e significam essas relações?

As crianças observam que o espaço doméstico é muito mais do domínio da avó: é ela quem normalmente cozinha, “lava a roupa e limpa a casa” (Alice, 10 anos). Existem alguns avôs que até gostam de cozinhar, como o avô de Daniele

(8 anos) que, segundo ela, é “viciado em comida”, ou o avô de Kátia (9 anos), “que cozinha muito bem” e faz um peixe que “tem uma casquinha crocante”. Contudo, grande parte dos avôs parece ter um comportamento mais recluso em casa: “Meu avô não sabe nem fazer um sanduíche. É a minha vó *quem faz tudo* e eu que ajudo ela”, revela Diego (9 anos). Essa situação também é conhecida por André (8 anos): “Meu vô *manda minha vó trazer* comida pra ele. Ele fica lá lendo jornal e pede, tipo assim, um pudim pra ela trazer pra ele!”. “É”, diz Érica (8 anos), “o vô é mais *preguiçoso* que a vó, porque o pai é preguiçoso, então o vô é mais. E o meu fica o dia inteiro dormindo!”. “Que nem o meu”, complementa Adriana (8 anos), “é sempre a minha vó quem tem que levantar cedo”.

A imagem que muitas crianças têm de seus avôs é a de um homem que “fica sentado, só assistindo televisão e comendo” (Pedro, 8 anos) até “ficar com um umbigão pra fora” (Maria, 7 anos). Para Alice (10 anos), os homens “ficam em casa, sentados no sofá, porque a mulher fica fazendo as tarefas de casa”, cuidando da manutenção integral do lar. A avó, esteja ela trabalhando ou aposentada, continua bastante ativa no espaço doméstico, dando continuidade às tarefas que muitas vezes ela desempenhou ao longo de toda a sua carreira de esposa e de mãe. “Eu também vejo isso”, conta Melissa (10 anos), “porque o meu vô, ele ajuda nas comidas, e ajuda muito, mas depois, antes de almoçar, quando a minha vó tá terminando de fazer a comida, ele fica deitado na cama lendo, só esperando”. O casamento não dá origem apenas a uma vida a dois, mas, também, à “[...] divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores e dos destinos pessoais de homens e mulheres” (SARACENO & NALDINI, 2001, p.12). Ainda que alguns poucos avôs ajudem nas tarefas da casa, como o avô de Melissa, as horas destinadas ao trabalho doméstico diferem amplamente entre os sexos. Segundo dados do Ipea, enquanto a média brasileira em 2008 era de 25 horas semanais para as mulheres, ela era de apenas dez horas para os homens (FONTOURA & GONZALEZ, 2009).

As mulheres sempre estiveram mais envolvidas com o cuidado da casa e dos filhos. O modelo *parsoniano*, que tanto difundiu a imagem da família nuclear como a “família feliz”, também difundiu uma forte divisão de papéis por gênero que, na sua suposta complementaridade, garantiria a harmonia familiar: “[...] o homem deve ir ao trabalho e a ele se consagrar o mais que possa. É a missão de

pai. A mulher deve ficar em casa para tornar o interior aprazível, ocupar-se das crianças e do marido” (SINGLY, 2000, p.15). A “família feliz” permitiria a cada um de seus membros ser feliz.

Muitas dessas avós provavelmente foram socializadas em um sistema voltado à forte divisão de tarefas por gênero. Contudo, elas também vivenciaram e participaram de momentos revolucionários, como o desenvolvimento da tecnologia contraceptiva química e mecânica, as manifestações feministas, as críticas ao modelo de mulher dona-de-casa, a sua entrada massiva no mercado de trabalho e a luta por um casamento mais igualitário, que fizesse descer do pedestal o modelo *pater familias*. Apesar de terem vivido e adotado algumas dessas causas, muitas mães de ontem, avós de hoje, continuaram assumindo grande parte dos afazeres domésticos, claramente visíveis nos depoimentos das crianças.

Como destacam Araújo & Scalon (2005), as relações de gênero são permeadas por relações de poder. Enquanto o desempenho de atividades públicas pelas mulheres se tornou uma atribuição aceitável, ganhando importância com o passar dos anos, a incorporação dos homens nas atribuições da esfera doméstica parece não ter tido a mesma repercussão. Segundo essas pesquisadoras, as análises longitudinais assinalam um pequeno aumento no grau de envolvimento masculino no trabalho doméstico, que vem acompanhado de uma ligeira queda do envolvimento feminino. Contudo, isso ocorre em um ritmo bastante lento, que mais evidencia a permanência do que a mudança nos padrões de divisão sexual do trabalho doméstico. Saraceno & Naldini (2001) também destacam que a redução da participação feminina é mais o resultado da diminuição do número de filhos e das mudanças no estilo de vida – que, com o avanço tecnológico, fez surgir equipamentos como a máquina de lavar louça, o microondas, a máquina de lavar e secar roupa e o aspirador de pó –, que ajudaram a reduzir o tempo empregado nessas atividades, do que da divisão de tarefas entre os cônjuges.

A participação masculina nas atividades domésticas é mais relevante naqueles com maior escolarização e tende a aumentar com a aposentadoria, quando passa de dez para treze horas semanais. Todavia, as mulheres com mais de 60 anos continuam dedicando, em média, 28,7 horas semanais para essas

atividades, sendo de 31 horas para aquelas entre os 50 e os 59 anos (IBGE, 2007). Como podemos ver, por mais que os avôs realizem atividades domésticas, essas quase sempre são cooptadas às mulheres, que assumem a maior parte dos trabalhos. É claro que essa decisão, de “quem vai fazer o que”, não é apenas perpassada pelas relações de gênero, sendo interpelada pelas relações familiares e pela própria dinâmica de conciliação entre a vida doméstica e laborativa. Contudo, muitas vezes “[...] as mulheres acabam fazendo, ainda que não gostem ou que não queiram investir seu tempo nisso, como se [tivessem internalizado] que a concretização dessas tarefas fosse sua obrigação” (TORRES, 2001, p.58).

O contexto doméstico também engloba o cuidado das crianças, e assim como as mulheres estão mais voltadas ao cuidado dos filhos, também as avós estão mais voltadas ao cuidado dos netos. Os avôs, embora possam estar mais envolvidos com esse papel do que quando eram pais, costumam desempenhar tarefas mais auxiliares e paralelas, ajudando seus netos fora do espaço doméstico ou na fronteira entre o público e o privado: “O meu avô gosta de me buscar mais no colégio” e “o meu me leva pra escola”, revelam Diego (9 anos) e Alexandra (8 anos). Como destacam Araújo & Scalon, a “[...] associação entre cuidado e mulher é uma questão de gênero”, uma vez que excluindo os limites biológicos relacionados à gestação, “todos os outros aspectos envolvidos no cuidado poderiam ser efetivamente desempenhados por homens e mulheres.” (2005, p.48). Todavia, como bem observa Érica (8 anos), “a vó cuida bem mais do que o vô”. Nos exemplos que seguem, podemos observar algumas das cenas de cuidado ilustradas e explicadas pelas crianças, nas quais elas evidenciam a centralidade de suas avós no papel de cuidadoras:

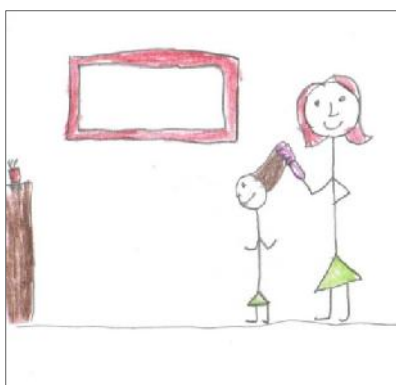


Fig. 1: Desenho de Gabriella. Ela, referindo-se ao desenho acima – “Com a *minha* vó eu aprendi a pentear os cabelos”.



Fig. 2: Desenho de Maria. Ela, Maria, referindo-se ao desenho acima – “A *minha* vó me contava estórias pra eu dormir”.



Fig. 3: Desenho de Fernanda. Ela, referindo-se ao desenho acima – “A *minha* vó me ajuda a fazer a tabuada”.



Fig.4: Desenho de Leonardo. Ele, referindo-se ao desenho acima – “A *minha* vó me ajuda a fazer o tema todo o dia que tem tema. Às vezes eu vou na casa dela e quase sempre ela vem na minha”.



Fig.5: Desenho de Alexandra. Ela, referindo-se ao desenho acima – “Quando eu me machuco a *minha* vó sempre me ajuda: ela bota gelo, um remédio que eu não lembro o nome, faz um curativo e me põe sentada na cama o dia inteiro”.

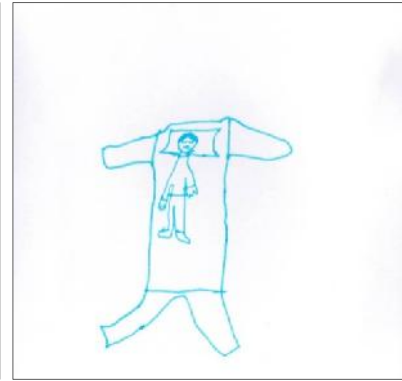


Fig. 6: Desenho de Luca. Ele, referindo-se ao desenho acima – “Quando eu tô doente, a *minha* vó faz as minhas mordomias e me cuida”.

II. E os avôs?

Nas interações cotidianas, as crianças fazem muito menos referência aos seus avôs do que às suas avós. Além deles cuidarem menos de seus netos, estando pouco implicados nas tarefas domésticas e escolares que os envolvem – ainda que muitos tenham o compromisso de buscá-los e levá-los ao colégio –, “o vô brinca menos e a vó brinca um pouquinho mais” (Luca, 10 anos) e “de vez em quando o vô é um pouquinho mais brabo do que a vó” (Lion, 8 anos), podendo “ser agressivo” (Pedro, 8 anos), “chato e brigão” (Maria, 7 anos). As diferenças de gênero no envolvimento com as crianças são facilmente percebidas por elas:

Alexandra [8 anos, sobre os avós maternos] – Acontece que o meu vô, como é que eu posso dizer... eu não quero falar mal dele, *mas todo o dia a vovó fala comigo, é a vovó que me cuida*, e ele fica na frente da TV comendo... Daí que eu falo mais com a vovó, *ela tem mais consideração comigo, ela se preocupa mais...*

Érica [8 anos, sobre os avós maternos] – O meu vô, ele quase nunca fala comigo né, nem no telefone, porque ele fica com o meu pai conversando. Já *a minha vó*, ela brinca, ela liga a TV pra mim, ela faz um monte de coisa comigo...

Quando os avôs têm uma postura mais engajada com seus netos, esta normalmente não acontece no cuidado instrumental, mas nas brincadeiras que eles proporcionam aos pequenos, quase sempre divertidas e agitadas, que fazem com que as crianças os caracterizem como engraçados e brincalhões. “O meu vô [materno] é *engraçado* e minha vó é legal”, diz-nos Felipe (9 anos). Já Amanda (8 anos) lembra daquilo que ela e seu avô mais gostam de fazer juntos: brincar. “O meu vô é *bem engraçado* comigo, a gente brinca de lutinha, a gente faz *tchuuuu*, *tchuuuu* [imitando artes marciais] e minha avó é bem paciente comigo. [...] A gente adora brincar de lutinha, mas eu sempre ganho! Hihihihihhi”.



Fig. 7: Retrato do avô de Amanda.

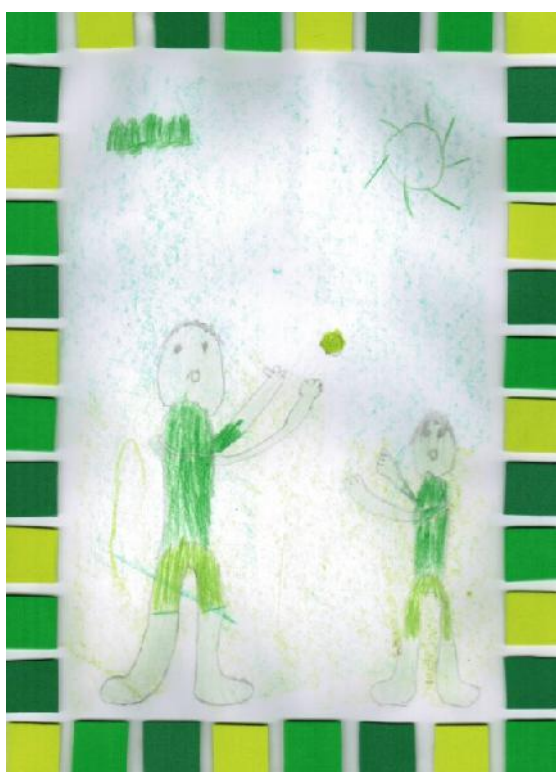


Fig. 8: Retrato do avô de Diego brincando com ele.

No desenho de Amanda (imagem acima), podemos ver que ela retrata um avô bastante expressivo, com um grande sorriso nos lábios. Para ela, seu avô é “um doce, uma pessoa muito legal, porque ele brinca comigo, ri comigo, dança comigo, enfim, meu avô é uma grande arte!”. “Quando eu penso nele, eu penso em diversão, em alegria e, principalmente, em aprontar!”, ela complementa. A imagem de um avô mais descontraído e bagunceiro também é marcante para Diego (9 anos): “Eu adoro o meu avô [paterno] porque ele é muito *brincalhão* e quando eu faço algo errado, meu pai dá bronca em nós dois!”, explica o menino. A imagem ao lado

retrata justamente um momento de brincadeira. Um avô que, além de avô, “é um *grande amigo* e, também, um *grande parceiro* de bagunça”.

Nesses dois casos, podemos perceber um claro investimento dos homens no seu novo papel de avôs. E ainda que ele não seja tão expressivo quanto o das mulheres, ele não merece ser esquecido. Com a queda do modelo patriarcal de família, abriu-se um espaço para que os homens também cultivassem seus afetos de modo mais livre e expressivo. Como bem destaca Attias-Donfut, “[...] depois da formidável mutação dos pais, é a vez dos avôs construir uma nova figura familiar” (2001, p.48), e algumas das crianças entrevistadas conseguem nos mostrar os contornos dessa nova imagem nas relações intergeracionais.

É claro que a maior referência às avós não se deve apenas ao fato de que elas se dedicam mais ao cuidado das crianças. Situações de divórcio na terceira geração, assim como a maior longevidade feminina, também fazem com que os netos tenham mais contato com suas avós do que com seus avôs. Das 36 crianças entrevistadas, dezenove possuem ao menos um de seus avós falecidos, totalizando 34 óbitos. Desses, 29 são de avôs, o que faz com que muitas delas tenham uma experiência intergeracional fortemente determinada pelo gênero, como mostram os depoimentos de Catarina, Luca e Jaqueline:

Catarina (9 anos) – Eu acho que os avôs têm outra maneira de cuidar, acho que eles fazem coisas diferentes.

Pesquisadora – E que coisas diferentes são essas?

Catarina – Sei lá! É que *eu não tenho um pra saber!*

Luca (10 anos) – Eu fiz esse desenho [ao lado] porque *todos os meus avôs já morreram e eu nem sequer conheci*. E pra mim essa é uma coisa muito triste.

Jaqueline (10 anos) – A minha lembrança mais triste foi quando meu vô morreu. Mais triste ainda foi porque os meus dois avôs morreram, não foi um só. É triste porque a gente não pode dizer ‘Ô vô, *vem cá!*’ Eu nunca usei a palavra “vô”!



Fig. 9: Desenho de Luca: “Uma lembrança triste”.

Algumas crianças também observam que entre os avôs e as avós existem atitudes comportamentais ligadas à saúde que são determinantes para a sua sobrevivida:

Fernando (10 anos) – Existem outras diferenças. Os avôs *também bebem mais do que as avós*. O meu vô bebia, bebia, bebia. Fumava, fumava, fumava... Já a minha vó, ela só bebe de vez em quando. Um dia ela bebe, depois de uns três meses ela bebe mais um copo, depois de uns quatro meses ela bebe mais um pouco.

Leonardo (8 anos) – O meu vô morreu porque *ele fumava antigamente*. Parou de fumar quando começou a saber que tava ruim e morreu hoje em dia.

Fernanda (9 anos) – *O meu vô bebia*, bebia, bebia todo o dia cachaça. E nunca era cerveja. Ele dizia que era cerveja, mas não era. Um dia eu fui futricar nas coisinhas dele lá, e achei um copo de alguma coisa e eu mostrei pra minha mãe e a minha mãe virou, botou fora. *E ele fumava*, fumava, até que minha avó se separou dele, e aí ele morreu. Aí agora a *minha vó bebe láááááá de vez em quando*.

Como podemos observar, os avôs parecem ter uma imagem bastante ambivalente. Por um lado, os relacionamentos com os netos tendem a ser menos calorosos do que aqueles construídos com as avós, o que evidencia um envolvimento muito menor dos homens nessa relação. Soma-se a isso os comportamentos menos saudáveis que esses assumem, muitas vezes desaprovados pelos netos, o que os distancia em certa medida. Por outro lado, encontramos em alguns avôs momentos de intensa ludicidade, que envolvem diferentes estilos de brincadeira – inclusive emocionantes e perigosas – que os colocam em lugar de destaque frente àquelas vividas na companhia das avós.

III. Entre avós paternos e avós maternos: em foco, as relações familiares

Mas as diferenças de gênero não se encerram nos estilos ou nos modos de interação assumidos pelos avôs e pelas avós. A linhagem também é um recorte de gênero importante, que influencia no modo e na intensidade do contato estabelecido entre eles e seus netos. Muitas pesquisas mostram que, nas sociedades ocidentais, os laços com o lado materno tendem a ser mais fortes do que com o lado paterno, em virtude da centralidade das mulheres nas relações familiares (ROBERTO & STROES, 1995; NORRIS & TINDALE, 1994; ATTIAS-DONFUT, 2001; CUNHA & MATOS, 2010). Como bem destaca Britto da Motta, “[...] as mulheres ‘tecem’ ou intermediam as relações domésticas e de família, mantendo tradicionalmente unidas duas ou três gerações” (2004, p.6). Por isso, salvo algumas situações de conflito ou de impossibilidades, as jovens mães costumam buscar mais apoio de suas próprias mães do que de suas sogras no

cuidado das crianças, intensificando o contato com a linhagem materna. Desentendimentos entre noras e sogras também podem diminuir os elos com a linhagem paterna (DENCH & OGG, 2001), privilegiando ainda mais essa relação. Segundo Attias-Donfut (2001), a predominância de contato com a linhagem materna se verifica mesmo quando a proximidade geográfica é maior com a linhagem paterna.

Esse é o caso de Luca (9 anos), que vive com seus pais em Porto Alegre e visita as avós em Cruz Alta, a 350 km da capital. Ele costuma conviver com ambas durante as festas de final de ano, ficando hospedado na casa da avó materna: “Eu sempre fico na casa da minha vó [materna]. Eu poso ali, eu fico ali... Depois a gente vai indo pra visitar os parentes, primos, essas coisas”. Se por um lado a família de Luca opta por ficar na casa da avó materna, ainda que ambas as avós morem sozinhas na mesma cidade, por outro é a avó materna quem mais visita Luca em Porto Alegre, como podemos observar²: nas direções dos

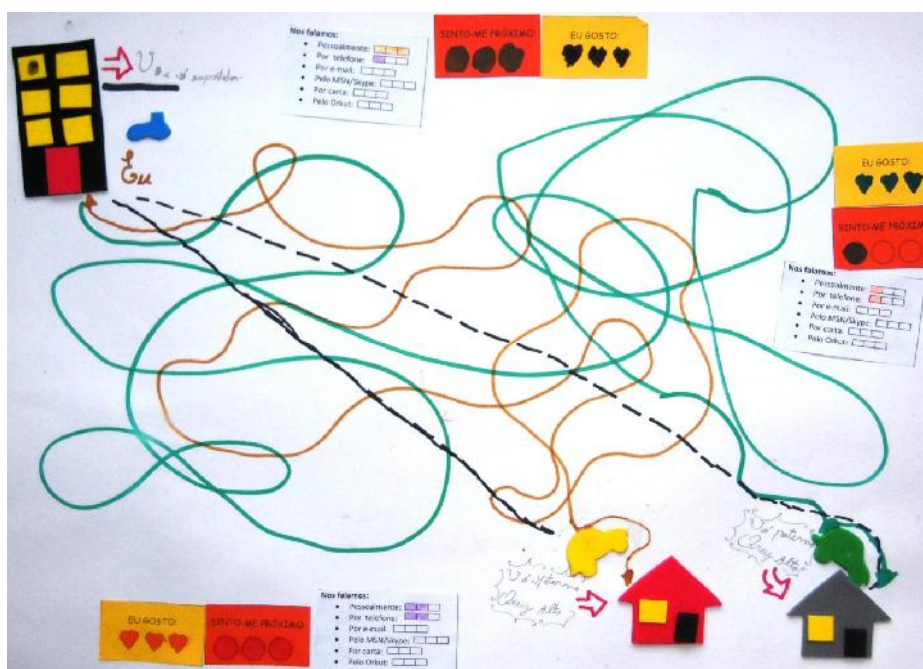


Fig.10: Representação cartográfica da casa dos avós de Luca.

² A representação cartográfica refere-se a um mapa das distâncias, afetos e intensidade do contato entre avós e netos elaborados pelas crianças. O traço que aparece com um meio de transporte indica o trajeto (longo ou curto) que interliga suas residências. O traço que não possui um meio transporte indica a intensidade do contato (pontilhado: contato fraco, linha fina: contato médio e linha grossa: contato intenso). O mapa ainda mostra quanto as crianças gostam de seus avós (representação com três corações, sendo 1 pouco, 2 médio e 3 muito), o quanto elas se sentem próximas (representação com três círculos, sendo 1 pouco, 2 médio e 3 muito) e os meios de comunicação utilizados para o contato não pessoal: telefone, email, carta, Orkut, etc.).

caminhos que interligam suas residências “Quando é dia das mães, assim, daí às vezes intercala. Daí às vezes ela vem. Tipo Páscoa, Natal, essas datas assim. [...] Mas a minha vó paterna nunca vem”. Eles também se falam mais por telefone, ligando para contar “alguma novidade, alguma tristeza ou alguma emoção. [...] A gente convive mais com essa avó aqui [materna]”, diz Luca. “Ela é minha vó preferida e eu a amo muito”, escreve o menino em uma atividade de produção textual.

A maior vinculação das crianças com a linhagem materna foi observada nos quatro grupos familiares estudados nesta pesquisa. As famílias nucleares mostram ter os contatos entre as linhagens mais equilibrados, uma vez que tanto o pai quanto a mãe estão presentes para estabelecer esses elos. Com o divórcio, esse quadro tende a se recompor, uma vez que o genitor que não possui a guarda – normalmente o pai – tende a diminuir a intensidade do contato com seus filhos. Como a geração do meio tem um importante papel regulador no convívio intergeracional, os momentos de encontro com os avós paternos também se tornam mais espaçados e muitas vezes os vínculos se perdem.

Se por um lado os elos com os avós por parte do genitor que não possui a guarda se afrouxam, por outro os elos com os avós por parte daquele que a possui – normalmente a mãe – tendem a se intensificar. Por isso, nas famílias monoparentais e reconstituídas, os avós aparecem como uma importante fonte de suporte familiar, ajudando principalmente a filha na criação dos netos e estreitando os laços entre as gerações. Muitas vezes esse suporte também se traduz em processos de re-coabitações temporárias e permanentes, situações vividas principalmente ao lado das mães e dos avós maternos. Portanto, a convivência com a linhagem materna tende a ser mais intensa do que a convivência com a linhagem paterna tanto nas famílias nucleares, monoparentais e reconstituídas quanto nas conviventes.

IV. Entre avós paternos e avós maternos: em foco, as predileções

A eleição afetiva dos avós em relação aos netos, e dos netos em relação aos avós, acontece principalmente na infância, momento em que há uma redefinição dos papéis familiares em virtude do nascimento do novo descendente,

e momento em que essas duas gerações tendem a conviver por mais tempo, principalmente nas situações de cuidado e guarda dos netos. Quando os elos são fortes, os avós tendem a ocupar “um bom espaço no coração” (Luck, 9 anos) das crianças, e elas mostram que essa afeição tem amor suficiente para durar a vida inteira, estendendo-se durante a adolescência e a fase adulta. Lion (8 anos), por exemplo, diz assim: “Quando eu penso na minha avó, eu lembro que eu amo muito ela e que ela *sempre estará comigo no meu coração*”. A sensação de um amor que é “para sempre” (Diego, 9 anos), “que nunca vai deixar de existir” (Melissa, 9 anos) e que pode ser tão grande, que é “até maior do que o Sol” (Alexandra, 8 anos) ou do que “todo o Universo” (Natasha, 9 anos) é expressa por muitas crianças. Para Alexandra (8 anos), o amor que ela sente por sua avó materna é tão grande que não cabe nas palavras: “bom, eu nem consigo falar”, diz a menina.

Isso mostra a singularidade e a importância que certos avós ocupam na vida de seus netos. Contudo, a predileção não acontece espontaneamente, sendo atravessada por diferentes fatores que influenciam essa relação, tais como: a assiduidade do contato, a frequência com que os avós cuidam de seus netos, as afinidades entre eles, as brincadeiras, as condições de saúde dos avós e a própria troca de presentes e serviços que, como destaca Peixoto, “traduzem a atenção com o outro e alimentam a afeição” (2000, p.100). Para Nycolle (8 anos), por exemplo, sua avó materna é sua “*avó preferida* porque ela é muito legal, divertida e *dá salgadinho e bala* quando [ela vai] na casa dela”. O mesmo acontece com Felipe (9 anos), que acha a sua avó materna muito legal porque “ela *compra coisas* pra [ele] e é muito carinhosa”, ou com Fernando (10 anos), que diz que sua avó “é a melhor vó do mundo e [que] ela é *legal quando dá presentes*”.

A predileção pela linha materna é quase um consenso entre as crianças. Na atividade de escrita biográfica, na qual elas deveriam escolher um de seus avós para dissertar sobre ele, 25 das 36 crianças entrevistadas escolheram falar sobre os avós maternos, dez sobre os avós paternos e uma sobre o vodrasto. Praticamente não existem diferenças entre os netos e as netas na escolha das linhagens ou do gênero dos avós. Contudo, a predileção pela avó materna é bastante elevada: 21 crianças optaram por falar sobre elas, enquanto cinco

escolheram as avós paternas, cinco os avôs paternos e quatro os avôs maternos. As motivações que impulsionam as escolhas das crianças podem ser de várias ordens. Em relação aos avôs, sejam eles paternos ou maternos, o critério de escolha normalmente recai sobre a brincadeira e a diversão, aspectos que, como comentei anteriormente, caracterizam o modo como os homens mais engajados vivem esse papel. Para as avós, os critérios tendem a ser mais variados, mas o jogo e a ludicidade também são fatores importantes, tendo sido destacados como critério de preferência principalmente para as avós paternas:

José (8 anos) – Eu escolhi escrever sobre a minha vó paterna porque eu gosto dela, *ela faz brincadeiras de cartas e conta piada*.

Daniele (8 anos) – Eu escolhi essa vó [paterna] porque ela é uma das avós que sempre está me ajudando, *brincando comigo, ela está sempre ao meu dispor*.

Yasmin (8 anos) – Eu escolhi a vó paterna porque ela é a mais legal de todos os outros. É a mais *divertida* de todos. Ela me ajuda a *fazer as cruzadinhas e brinca comigo sempre* que eu vou lá. Ela é a minha vó preferida!

No caso das avós maternas, a brincadeira também faz parte do cotidiano, mas esse não é o critério que mais impulsiona as escolhas dos meninos e das meninas. As avós maternas são preferidas porque elas estão mais envolvidas no cuidado das crianças, ajudando-as nas pequenas e nas grandes tarefas. Quando elas moram com seus netos (nessa pesquisa, apenas um caso é de coresidência com o lado paterno), esses aspectos são ainda mais visíveis. Morar junto parece ser, de fato, um fator determinante quanto à predileção. Todas as crianças que viviam com seus avós escolheram falar sobre eles; e, novamente, a avó materna foi a mais lembrada (mesmo quando o avô também morava junto), mostrando que a convivência é um critério importante nos elos de afeição, que possibilita o cuidado, a ajuda e a reciprocidade:

Fernanda [9 anos, sobre a avó materna convivente] – Eu escolhi escrever sobre a minha vó porque ela é especial e *porque ela mora comigo*. Também porque ela é muito legal pra mim, alegre, divertida, engraçada e é *especialista em me ajudar* nos temas ou quando eu tô nervosa.

Luck [9 anos, sobre a avó materna convivente] – Minha vó é a melhor! É por isso que eu resolvi escrever sobre ela. Ela é querida, bonita, especial e muito legal, porque *ela cuida da nossa casa inteira sozinha* e ela faz todos os trabalhos.

Leonardo [8 anos, sobre a avó materna convivente] – Eu vou falar sobre a minha vó porque *eu moro com ela e sou mais próximo dela*. Ela também é muito legal e *me ajuda em tudo o que eu preciso*, como nos temas difíceis.

É claro que uma convivência mais intensa também pode acontecer quando avós e netos não dividem a mesma casa. Avós que não moram junto, mas que ajudam seus netos quando eles precisam, cuidam deles no turno oposto ao da escola, convivem nos finais de semana ou mantêm um contato regular, por meio de visitas ou telefonemas, também ocupam um lugar especial na vida das crianças. As conversas, as ajudas e as trocas tecidas nos momentos de convivência, principalmente pelas avós maternas, alimentam a intimidade, contribuindo para a eleição de suas predileções.

João [9 anos, sobre a avó materna não convivente] – Eu escolhi escrever sobre essa vó porque essa é a vó que *eu mais tenho intimidade*. Eu brinco mais com ela porque eu *passo o tempo todo com ela*. Ela cuida de mim muito bem, como se fosse a minha mãe.

Catarina [9 anos, sobre a avó materna não convivente] – Eu escolhi essa vó porque ela é a vó *mais próxima que eu tenho*. Ela é muito graciosa comigo e me dá muita atenção.

Lion [8 anos, sobre a avó materna não convivente] – Eu escolhi falar da minha vó materna porque *eu fico quase todos os dias com ela* e porque eu gosto muito dela. Minha vó é muito legal, bonita e boazinha, *quase sempre cuida de mim*, por isso é um amor. Ela faz meu almoço e *sempre está de olho em mim*.

As avós cuidadoras também costumam ser emocionalmente mais próximas de seus netos (CUNHA & MATOS, 2010). Um contato mais assíduo possibilita a criação de vínculos mais fortes, que são permanentemente reforçados pelo cotidiano. Por isso, a proximidade física muitas vezes pode revelar uma proximidade afetiva. Contudo, algumas preferências também podem vir de longe. Embora a proximidade residencial seja um fator importante, que possibilita o maior contato entre as gerações, ela não é sinônimo de afinidade ou comprometimento. Existem componentes que também são da ordem do afetivo, o que faz com que os aspectos psicológicos dos comportamentos não possam ser negligenciados na análise dessas relações (ATTIAS-DONFUT & SEGALEN, 1998).

Considerações Finais

No depoimento das crianças, é possível observamos um forte entrelaçamento entre as relações de gênero e as relações intergeracionais. De um lado, as relações entre avós e netos são influenciadas pelas afinidades e pelos estilos de avosidade desempenhados pelos avôs e pelas avós; de outro, essa relação é perpassada pelas relações familiares e pela própria linhagem na qual os avós se encontram. Como grande parte das situações de coabitação se dá com os avós maternos; grande parte dos avós cuidadores pertencem à linhagem matrilinear; e os contatos telefônicos e pessoais acabam sendo mais freqüentes com essa mesma linhagem (uma vez que as mulheres tecem os elos que unificam as gerações), as predileções das crianças estão majoritariamente inscritas no eixo materno. Ali, as avós são as figuras de destaque.

A intensa convivência, assim como o cuidado que elas direcionam aos netos são vistos por eles como fatores importantes, o que faz com que as crianças muitas vezes as identifiquem como uma “segunda mãe”. São as avós que principalmente ajudam no tema, nas tarefas domésticas, cozinham, dão remédios, fazem curativos e lêem para seus pequenos antes de dormir. Os avôs são menos envolvidos no cuidado intergeracional, mas foi possível observar um movimento dos homens nesse sentido, que normalmente se direciona a atividades fora do ambiente doméstico – como buscar ou levar o neto à escola – e a brincadeiras mais dinâmicas e perigosas. Esses são aspectos relevantes tanto para os meninos quanto para as meninas, não havendo grandes diferenças de gênero quanto às expectativas e experiências intergeracionais das crianças entrevistadas.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: _____ (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. P.15-78.

ATTIAS-DONFUT, Claudine; SEGALEN, Martine. **Grands-Parents: la famille à travers les générations**. Paris: Odile Jacob, 1998.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. La fabrication des grands-pères. In: ATTIAS-DONFUT, Claudine; SEGALEN, Martine. (Org.). **Le siècle des Grands-parents: une génération phare, ici et ailleurs**. Paris: Autrement, 2001. P. 48-74.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **Relações de gênero e entre gerações: pais, filhos e netos**. Salvador, 2004. 14f. (Texto digitado).

CUNHA, Bebiana; MATOS, Paula Mena. Relações intergeracionais: significados de adolescentes sobre avós e idosos. In: VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, 2010, Minho. **Anais do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**, Minho, 2010.

DENCH, Geoff; OGG, Jim. Grands-parents par la fille, grands-parents par le fils. In: ATTIAS-DONFUT, Claudine; SEGALEN, Martine (Org.). **Le siècle des Grands-parents: une génération phare, ici et ailleurs**. Paris: Autrement, 2001. P. 187-197.

FONTOURA, Natália de Oliveira; GONZALEZ, Roberto. Aumento da participação de mulheres no mercado de trabalho: mudança ou reprodução da desigualdade? **Mercado de trabalho**: Ipea, n.41, nov., p.21-26, 2009. IBGE, 2007

NORRIS, Joan E.; TINDALE, Joseph. Grandparenting: as give and take. In: _____. **Among generations: the cycle of adult relationships**. EUA: WH Freeman, 1994. P. 59-79.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas materiais. In: _____ et al. (Org.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P. 95-111.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 464 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROBERTO, Karen; STROES, Johanna. Grandchildren and grandparents: roles, influences, and relationships. In: HENDRICKS, Jon. (Org.). **The ties of later life**. New York: Baywood Publishing Company, 1995. P.141-153.

SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. **Sociologia della famiglia**. Bologna: Il Mulino, 2001.

SCOTT, Jacqueline. Children as Respondents: the Challenge for Quantitative Methods. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. (Org.). **Research with children: Perspectives and Practices**. 2. ed. New York: Routledge, 2008. P.87-108.